

CENTROPOP: PROPOSTAS E REFLEXÕES DE ESTUDOS ARQUITETÔNICOS VOLTADAS PARA A CRIAÇÃO DE REDES DE DIFUSÃO AUDIOVISUAL

CENTROPOP: PROPOSALS AND REFLECTIONS ON ARCHITECTURAL STUDIES AIMED AT CREATING AUDIOVISUAL BROADCASTING NETWORKS

Juliana Barbosa Lima e Santos Toyama

Instituto Federal Fluminense/PPGHA-UERJ

Resumo: O objetivo deste trabalho é apresentarmos um estudo sobre a necessidade de desenvolvermos redes públicas de espaços culturais, voltados para a difusão gratuita de cinema e formação de público leitor, em meio às periferias brasileiras. Para tanto, apresentamos reflexões teóricas de Le Corbusier relacionadas à atuação da arquitetura em meio ao funcionamento da sociedade moderna, reflexões cineclubistas desenvolvidas pelo estudioso Felipe Macedo e estudos históricos, de Marinete Pinheiro, relacionados ao espaço cinematográfico na configuração de uma sociedade..

Palavras-chave: Arquitetura e Sociedade; Formação de público; Cinema; Centropop.

Abstract: *The objective of this work is to present a study on the need to develop public networks of cultural spaces, aimed at the free dissemination of cinema and the formation of a reading public, in the midst of the Brazilian peripheries. To do so, we present Le Corbusier's theoretical reflections related to architecture's performance in the midst of the functioning of modern society, film club reflections developed by the scholar Felipe Macedo and historical studies, by Marinete Pinheiro, related to the cinematographic space in the configuration of a society.*

Keywords: *Architecture and Society; Public education; Movie theater; Centropop.*

Tomando como princípio a reflexão de Le Corbusier, na qual o arquiteto afirma que “as cidades felizes têm arquitetura” (1973, p.9), compreendemos que os estudos de arquitetura têm a grande responsabilidade de apresentar as mais diversas alternativas culturais às suas respectivas comunidades. Por isso, propõe-se neste trabalho a criação de espaços de lazer dedicados à inclusão e à conscientização social de sujeitos que habitam as margens das periferias brasileiras.

Partimos da ideia de que a construção arquitetônica atenciosamente adequada é um elemento muito importante para ampliar a participação dos cidadãos – levando em conta toda a sua diversidade – em meio aos espaços públicos de uma sociedade. Ao propor a criação de ambientes inclusivos, não podemos deixar de contemplar às diferenças que compõe a nossa comunidade.

É importante que a sociedade aceite as diferenças como algo natural, já que cada pessoa é um ser único e possui necessidades distintas. Desse modo, todas as crianças, inclusive aquelas com deficiência, superdotação ou dificuldades de aprendizagem. (SIQUEIRA, Jéssica Caroline Dias, 2014, p.3)

Para darmos continuidade a nossa reflexão, faz-se necessário esclarecermos que compreendemos a exclusão social e a falta de acessibilidade – em suas mais diversas perspectivas, tais como mobilidade e atendimento a pessoas com necessidades especiais – como uns dos maiores problemas que, por razões históricas, acumularam um enorme conjunto de desigualdades sociais no tocante à distribuição do conhecimento, da riqueza, do acesso aos bens materiais e culturais e da apropriação dos saberes científicos e tecnológicos. Em um estudo aprofundado sobre a mobilidade urbana, Alexandre de Ávila

afirma que:

O conceito de exclusão social, por sua vez, estende o conceito de pobreza para além da capacidade aquisitiva de bens e serviços. Conforme Sposati (1998), a exclusão social inclui, além da insuficiência de renda, a discriminação social, a segregação espacial, a não-igualdade e a negação dos direitos sociais. A exclusão social é, desse modo, uma situação de privação não só individual, mas coletiva. Um indivíduo no mercado informal de trabalho, por exemplo, pode ter ganhos superiores aos da linha de pobreza, mas estará submetido à percepção que seus descansos de fim de semana ou ausência no trabalho por motivo de doença implicam renúncia de renda, ao contrário dos trabalhadores com carteira assinada, que podem usufruir do direito ao descanso remunerado e à seguridade social. O conceito de exclusão, portanto, pressupõe o conceito de universalização da cidadania.

(GOMIDE, Alexandre de Ávila, s/d, p.23)

É importante ter em mente que, para se promover a inclusão social, é fundamental oportunizar a todo cidadão o acesso a um conhecimento básico sobre a ciência e as artes, de maneira a incentivar a sua participação ativa e política, enquanto sujeito crítico e autônomo, em meio ao seu contexto social. Segundo Richard Rogers, “o grande trunfo da humanidade tem sido sua capacidade de transmitir os conhecimentos acumulados de geração em geração, de antecipar e resolver seus problemas.” (ROGERS, Richard. 2001,p.3). Uma comunidade consciente e provida de informações colabora para a construção de um mundo mais sustentável. Devemos, portanto, buscar recursos para interessar e informar o público.

O cinema carrega consigo variadas funções, como a de entretenimento e também a de difusão de conhecimento. Por esta razão, espaços de difusão cinematográficos foram criados em função do público admirador da sétima arte.

Encarregada da função de resgatar, classificar, conservar, restaurar, preservar e difundir as composições audiovisuais mais destacadas do México e do mundo, a Cinemateca Nacional do México, fundada em 1974, tornou-se um exemplo de maestria governamental no que se refere à exibição de cinema. A Cinemateca é:

El fideicomiso para la Cineteca Nacional es una entidad de la Administración Pública Federal, cuya misión es preservar, custodiar y mantener la memoria cinematográfica de nuestro país y aquellos documentos vinculados con ella, así como promover y difundir las más destacadas obras de la cinematografía nacional y mundial, además de estimular la formación de nuevos públicos en la apreciación del cine de arte internacional. (CINETECA NACIONAL DEL MEXICO, s/d, p.1)

A princípio, a Cinemateca era composta apenas por duas salas de projeção abertas ao público; por uma área de exposições temporárias; por uma hemeroteca-biblioteca especializada em assuntos cinematográficos; por uma livraria;

por um restaurante e por abóboda de segurança, mantida em temperatura e umidade controladas, destinada ao armazenamento, manutenção e restauro de películas.

Em 2011, após uma série de reformas, o Conselho Nacional para a Cultura e as Artes impulsionou a modernização e a ampliação das instalações e dos espaços públicos da Cinemateca Nacional (Figura 1, Figura 2, Figura 3, Figura 4 e Figura 5). A iniciativa trouxe mais quatro salas de exibição, cada uma com capacidade de comportar 180 espectadores; construiu uma abóboda de 700 m², com capacidade para acolher 50 mil arquivos cinematográficos e um laboratório de restauração digital de filmes para desenvolver um programa de resgate de imagens em movimento. A modernização da Cinemateca também propiciou a exibição ao ar livre, com a intenção não só de garantir um lazer para a comunidade, mas também de incentivar a apropriação pública deste espaço.

Valendo-nos destas ideias iniciais, propomos uma reflexão em defesa da necessidade de de-



Figura 1 - Cinemateca Nacional do México (Área de Exibição ao Ar Livre)

Fonte: <http://contenido.com.mx/2012/12/las-noticias-de-la-ultima-semana-del-2012-en-imagenes/cineteca-nacional-2/>



Figura 2 - Cineteca Nacional do México (corredor com cobertura modernizada)
Fonte: http://commons.wikimedia.org/wiki/File:CinetecaNacional_ohs02.jpg

envolvermos uma rede de difusão pública de audiovisual, aqui denominada como “Centro-Pop”, em meio aos espaços periféricos brasileiros. A função desta rede é oportunizar/ facilitar o acesso da população mais afastada dos centros urbanos às mais diversas produções cultu-

rais realizadas nacional e internacionalmente.

O CentroPop tem por objetivo a criação de salas de cinema que promovam programações gratuitas nas regiões mais pobres do cenário brasileiro. Trata-se de uma proposta que tem como antecedente o Popcine (Circuito Popular



Figura 3 - Cineteca Nacional do México (fachada)
Fonte: <http://www.almomento.mx/la-cineteca-nacional-te-ofrece-diversos-filmes-para-estas-vacaciones/>



Figura 4. Cine-
teca Nacional
do México (Sala
para exibição de
filmes)

Fonte: <http://mexico.cnn.com/entretenimiento/2013/06/26/de-pelicula-y-concreto-nace-el-primer-museo-del-cine-en-mexico>

de Cinema), projeto idealizado e executado em São Paulo, pelo cineclubista Felipe Macedo. O Popcine é uma intervenção paulista que, com ajuda da prefeitura, tem o intuito de popularizar o cinema, retirando-o da exclusividade dos grandes estabelecimentos comerciais, que encarecem o custo do cinema e inviabilizam a participação da população carente. Em 2006, o Popcine ganhou sua primeira sala de exibição.

O PopCine – Circuito Popular de Cinema foi pensado justamente em função desses dois pólos: o espectador popular – os 92% da população que julgamos serem os maiores interessados em ver o cinema brasileiro – e o cinema nacional (mas igualmente o cinema mundial em geral, igualmente ausente da lógica desse mercado estreito), que precisa desse espectador como nutriente da sua criatividade, como razão da sua expressividade e, finalmente, como base da sua reprodução econômica. (MACEDO, Felipe, 2015, p. 1)

Segundo Macedo, idealizador e coordenador do projeto, sua razão de divulgar o cinema, por meio de um circuito descentralizado é:

O cinema, no Brasil, apesar da sua qualidade, da sua diversidade, do seu vigor, é um produto que não chega à maioria do povo, a não ser em casos excepcionais. Um mercado estruturado em bases alheias aos interesses dessa grande maioria limita a fruição do cinema a uma parcela muito pequena da população. O



Figura 5. Cine-
teca Nacional
do México
(Biblioteca)
Fonte: <http://www.archdaily.mx/mx/750553/conaculta-cine-teca-nacional-contara-con-el-museo-del-cine-y-de-la-video-teca-digital>

cinema brasileiro ocupa cerca de 10% desse mercado, oscilando um pouco, para cima ou para baixo, entra ano, sai ano. E mesmo essa pequena fatia é geralmente ocupada por poucos títulos. A grande maioria dos filmes não ultrapassa algumas dezenas de milhares de espectadores, num país com quase 200 milhões de habitantes! E muitos sequer são lançados nos cinemas. (MACEDO, Felipe, 2015, p.1.)

A proposta do CentroPop é promover espaços públicos de caráter urbano menos segregado, repetitivo e/ou previsível, voltados para a convivência e o lazer entre as comunidades periféricas brasileiras. A ideia é oferecer à população ambientes que se distanciem do arquétipo associado à cultura do consumo, comumente vinculado a empreendedores que visam exclusivamente o lucro e distanciam uma parcela significativa da população. Longe de propor mais um prédio de cunho neoliberal, climatizado, fechado e protegido por guardas uniformizados; este projeto visa tomar um alcance estatal, a fim de atender toda a população e promover o diálogo entre as diferentes classes sociais desta sociedade. Para facilitarmos a compreensão desta proposta, delimitaremos a reflexão do tópico a seguir ao município de Campo Grande, do estado de Mato Grosso do Sul, uma capital distante das grandes metrópoles do Brasil.

O Cinema em Campo Grande

A história da projeção do cinema no Mato Grosso do Sul teve início no século XX e, segundo Marinete Pinheiro, existem registros de que Campo Grande, Corumbá e Aquidauana foram os municípios que inauguraram esta prática

de exibição. Para Pinheiro, Campo Grande foi a cidade mais privilegiada do estado, a ponto de contar, na década de 1970, com mais de cinco espaços consideravelmente bem estruturados para a projeção de cinema: Alhambra (Figura 6), Rialto, Santa Helena (Figura 7), Acapulco e Cine



Figura 6. Cine Alhambra
Fonte: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=869480&page=443>



Figura 7. Cine Santa Helena
Fonte: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=869480&page=443>

Estrela.

Em uma cidade do interior do Brasil, que caminhava em busca da modernidade, o cinema não representa apenas um espaço de contemplação, mas sim um fato urbano. As salas cinematográficas, segundo Marinete Pinheiro, foram uma espécie de fuga para os jovens que buscavam um entretenimento e um ambiente de convivência:

Para as crianças do bairro, ir ao cinema era diversão total. Muitas vezes o que importava era o contato com os colegas. Todos se conheciam. (...) Da mesma forma que ocorria nos demais espaços de projeção, o Cine Nova Campo Grande também se tornou ponto de encontro dos namorados. (PINHEIRO, Marinete. 2008, p.53.)

Tamanho foi o impacto do cinema em Campo Grande que em 1972 houve a inauguração do primeiro cinema ao ar livre da região, o chamado Auto Cine, no campus da Universidade Federal de Mato Grosso. Segundo Marinete Pinheiro, o público do Auto Cine fazia jus ao uso do que lhe fora destinado: “Havia dias em que as filas de carros para entrar se estendia a dezenas de metros. Quando não havia espaço para todos, algumas pessoas ficavam fora.” (PINHEIRO, 2008, p. 57).

No entanto, durante a década de 1980, Campo Grande entrou em uma nova fase: os videocassetes entraram em competição acirrada com as salas de cinema. De acordo com Pinheiro, as salas resistiram pelo fato de as gravadoras não conseguirem acompanhar os lançamentos de filmes, devido ao interesse de suas respectivas produtoras na bilheteria.

Por esta mesma razão, o Auto Cine encerrou as suas atividades em 1989, uma vez que os filmes de lançamentos demoravam a ser exibidos neste espaço devido à política de suas distribuidoras. Hoje, o Auto Cine é um ambiente aban-

donado em meio a uma área urbana inutilizável.

Com a proposta de exibir filmes que não costumavam ser contemplados nas salas de cinema de circuito comercial, foi inaugurado, no ano de 2010, o CineCultura. Porém, a localização afastada e elitizada, aliada à carência na divulgação de sua programação e à concorrência de outros circuitos de cinema foram fatores que levaram a queda de público deste espaço e, conseqüentemente, ao encerramento de suas atividades no ano de 2012.

Em 2013, o último cinema de rua, localizado em uma região central da capital sul-mato-grossense, Cine Campo Grande, inaugurado com duas requintadas salas de projeção em 1988, foi igualmente encerrado.

Neste mesmo ano, o Cine Plaza, instalado na rodoviária, também caiu por terra. É interessante notar que o Cine Plaza, luxuoso no ano de sua criação (1977), tornara-se em 1992 um cinema marginal de Campo Grande. A exibição de filmes pornográficos foi a medida encontrada por seu proprietário para que este espaço lhe trouxesse algum lucro.

A sobrevivência do cine Center, hoje, está ligada às exibições de filmes “pornôs. Como empresa constituída, paga seus impostos com recursos proveniente de tais exibições, até porque o local passou a ser considerado um ponto de encontro para os assíduos adeptos dos filmes eróticos, o que lhe tem permitido arrecadação para sanar seus compromissos. A clientela, que é repetitiva, procura ali, também, parceiros sexuais. Alguns chegam a assistir ao mesmo filme duas ou três vezes por semana. (PINHEIRO, Marinete. 2008. p.67)

Como as atividades deste cinema já não estavam mais proporcionando qualquer lucro, seu responsável não conseguia sequer pagar o aluguel desta sala. As sessões tinham em média cinco pagantes. Elverson Cardozo relata, em

um artigo de jornal eletrônico, que a sala vivia de promoções para tentar cumprir com seus compromissos. Se a desativação deste espaço, já decadente, desapontou os clientes mais assíduos, foi comemorada, por outro lado, por comerciantes que consideravam o local “um problema” para a ocupação das salas vizinhas.

A notícia, que pegou os frequentadores de surpresa, deixou muita gente na mão. São pessoas que tinham o Cine Center como programa certo durante a tarde e a noite. O local já havia sido posto à venda pela administração no ano passado, mas continuava com os filmes para adultos. (...)

Na sexta-feira, mesmo com as portas lacradas e com faixas de interdição, alguns clientes resolveram esperar na escadaria ao lado da sala, até serem avisados, pelos próprios comerciantes, do fim das atividades. (CARDOZO, 2013, p.1.)

Hoje, devido aos grandes investimentos de multinacionais em Campo Grande, muitos empresários locais fecharam as portas de suas salas de cinema. Assim, o acesso à sétima arte tornou-se restrito. Consequentemente, o caráter social e cultural que o cinema havia conquistado nesta cidade foi, pouco a pouco, diminuindo.

Arquitetura da Experiência e as Salas de Imersão

O fazer artístico e o convívio com a arte é uma necessidade natural do homem. (CARNEIRO, Sérgio. LIPAI, Alexandre, s/d., p.3.)

Para além das normas metódicas de projeto, ao se planejar um espaço, é importante ter a compreensão de que esta arquitetura deve proporcionar ao público uma experiência sensorial. Para Sérgio Carneiro e Alexandre Lipai, a arquitetura e o urbanismo podem ser entendidos como artes plásticas que projetam espaços

ou ambientes destinados ao homem, atendendo as suas finalidades em um amplo sentido, “saciando objetiva e subjetivamente toda gama de necessidades, das mais elementares às mais elevadas do espírito” (CARNEIRO, Sérgio. LIPAI, Alexandre).

Para Le Corbusier (1973), a arquitetura não se limita a uma função estrutural. O arquiteto compreende que a função da arquitetura abrange um caráter emocional e simbólico, capaz de proporcionar delírios livres à imaginação e satisfaz desejos visuais:

Finalmente, é agradável falar ARQUITETURA depois de tantos silos, fábricas, máquinas e arranha-céu. A Arquitetura é um fato de arte, um fenômeno de emoção, fora das questões de construção, além delas. A construção É PARA SUSTENTAR; a arquitetura É PARA EMOCIONAR. A emoção arquitetural, existe quando a obra soa em você ao diapasão de um universo cujas leis sofremos, reconhecemos e admiramos. Quando são atingidas certas relações, somos apreendidos pela obra. Arquitetura consiste em “relações”, é “pura criação de espírito.” (LE CORBUSIER, 1973)

O cinema, enquanto espaço arquitetônico, é um conjunto de salas imersivas criadas para o deleite. Se até hoje a facilidade de assistir a um filme em plena residência não tomou o público dos cinemas, isso se deve muito à experiência proporcionada pela arquitetura envolvente das confortáveis salas de cinema. Não podemos, portanto, ignorar as intenções provocadas por este ambiente. Segundo Maron, em sua recomendação para o SESC, o conjunto do ambiente das salas imersivas provoca no espectador uma sensação diferenciada, movida pela impressão de vivência mais próxima da ficção.

Em uma sala de cinema, o espectador será conduzido a alterar completamente sua noção de tempo e espaço, vai esquecer seus problemas, preocupações, projetos, desejos



Figura 9. Infinity Mirrorred Room.
Fonte: <http://limitlessmagazine.com/wp-content/uploads/2012/05/Yayoi-Kasuma-Infinity-Mirror-Room-Image-3.jpg>



Figura 10. Farol do Saber Miguel de Cervantes na Praça da Espanha
Fonte: <<http://www.escola-curitiba.com/farois.htm>>

das em algumas salas escuras. A proposta da instalação era promover, de maneira análoga ao cinema, o efeito de conduzir o público à sensação de mergulho em um profundo contato com os cosmos, sem qualquer limite físico. Podemos compreender, desta maneira, que a proposta da artista evidencia como um ambiente pode contribuir para o estímulo e a potencialização da leitura e apreensão de efeitos de sentido, advindos de configurações estéticas, efetuadas pelo público.

O CentroPop

Apresentamos, por fim, nossa defesa relacionada à inclusão de habitantes de regiões periféricas brasileiras, por meio da edificação de espaços e da oferta gratuita de uma ampla programação de atividades culturais, aos meios de acesso à arte e educação disponibilizados pelo Estado.

O objetivo desta ideia é promover um desenvolvimento local que envolva diferentes setores da sociedade (público, privado e civil) no processo de valorização de bairros à margem das cidades. Nesta perspectiva, as mudanças propostas em determinados cenários devem ser



Figura 11. Evento Conexão Cultural, Metrô de São Paulo, SP
Fonte: <<http://www.conexao-cultural.org/blog/2011/08/projeto-encontros-%E2%80%93-cultura-em-espacos-publicos/>>

realizadas por meio de ações coletivas voltadas ao fortalecimento da comunidade, levando em conta a questão do desenvolvimento sustentável e a necessidade de um melhor conhecimento sobre o espaço envolvido.

Pensemos em exemplos de redes descentralizadas de espaços culturais difundidas em algumas comunidades brasileiras. Os mais próximos à ideia de nossa proposta, CentroPop, são os Faróis do Saber, bibliotecas públicas que se propõem a realizar um trabalho de apoio às escolas municipais, inclusão digital e promoção de acesso à cultura à comunidade curitibana.

O primeiro Farol foi inaugurado em 1994, em Vista Alegre. Hoje, a rede abrange 45 faróis localizados em diversos bairros da cidade. A maioria delas é anexa às escolas municipais. Algumas unidades foram implantadas em praças, oportunizando o acesso a um público diversificado. A construção é modular, em estrutura metálica (Figura 10). Em geral, são 88 m² de área construída, sua torre tem 10 metros de altura.

Os espaços e os acervos destas bibliotecas têm como objetivo assumir a função de difundir

tecnologia, informação, cultura e entretenimento além de estimular a criação de diversos bens artísticos e culturais.

A Linha da Cultura é outra ação brasileira voltada para a difusão de produções artísticas. Realizando exposições contínuas nas estações de metrô em São Paulo, desde 1986, essa medida cultural (Figura 11) promove o intercâmbio entre diferentes linguagens artísticas – artes plásticas, música, dança e teatro – a fim de despertar interesse social pela arte.

Estes modelos de ações culturais descentralizadas, promovidas em diversas cidades brasileiras, permitem-nos perceber que é possível e necessário debruçarmo-nos em estratégias que venham a oportunizar e estimular a participação espontânea e coletiva de outras comunidades, distanciadas de grandes centros urbanos, em projetos contínuos voltados para a cultura.

Justificamos, assim, a importância do desenvolvimento de um projeto de sistema em rede como o CentroPop, comprometido em envolver as mais diversificadas comunidades periféricas brasileiras. Compreendemos que é necessário

fomentarmos estratégias públicas que venham a facilitar o acesso de toda a sociedade à cultura e à educação. Sendo assim, a nossa proposta é defendermos a implantação de unidades de CentroPop em terrenos alocados nas proximidades de terminais de transporte coletivo a fim de criar vínculos com os bairros envolvidos e proporcionar melhores condições para o acesso às produções culturais e audiovisuais nacionais e internacionais a toda a população.

Referências

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CINEMATOGRAFIA (ABC). **Arquitetura de Salas de Projeção Cinematográfica**. Disponível em: <<http://www.ctav.gov.br/wp-content/uploads/2009/03/rectec-0811181.pdf>>. Acesso em 08/04/2015.
- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo, SP. Ed. Brasiliense, 1994.
- BOFF, Leonardo. **Os rolezinhos nos acusam: somos uma sociedade injusta e segregacionista**. s/d Disponível em: <http://www.cartamaior.com.br/columnalmpirimir.cfm?cm_contenido_idioma_id=30065>. Acesso em 06/04/2015
- CARDOZO, Elverson. **Cine Pornô fecha as portas “definitivamente” e clientes ficam na mão**. Campo Grande, 19, março, 2013, caderno B. Disponível em: <<http://www.campograndenews.com.br/lado-b/comportamento-23-08-2011-08/cine-porno-fecha-as-portas-definitivamente-e-clientes-ficam-na-mao>>. Acesso em 08/04/2015.
- CARNEIRO, Sérgio Roberto de França Mendes; LIPAI, Alexandre Emílio. **Arquitetura, psicologia e Arte: Múltiplas realidades do sentir e perceber o espaço**. Disponível em: <<http://www.ip.usp.br/laboratorios/lapa/versaoportugues/2c87a.pdf>>. Acesso em 22 de abr de 2015.
- CORBUSIER, Le; REBOUÇAS, Ubirajara. Por uma arquitetura. Editora Perspectiva, 1973.
- CORREA, Roberto Lobato. O Espaço Urbano: notas teóricas e metodológicas. São Paulo, SP, 1989. Ed. Ática.
- DA SILVA SOUSA, Márcia Cristina; RIBEIRO, Leila Beatriz. CIDADE DAS SOMBRAS. Nova Friburgo, 2010. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/noticias-dos-nucleos/RJ.pdf>>. Acesso em 27 de abr de 2015.
- DALPIZZOLO, Daniel. **A História do Cinema: O Surgimento da Sétima Arte**. 2007. Disponível em: <http://www.cineplayers.com/artigo.php?id=42>. Acesso em 17/04/2015.
- DE PAULA, Frederico Braida Rodrigues. **Arquitetura digital**, 2005. Juiz de Fora, Brasil. Universidade Federal de Juiz de Fora. Disponível em: <http://www.ufjf.br/frederico_braida/files/2011/02/MONOGRAFIA-TFG-1-Frederico-Braida.pdf>. Acesso em 11 de maio de 2015.
- EHLERS, Luiz. **A nostalgia e o fim das locadoras**. Publicação em 04/08/21014. Disponível em: <<http://www.revistafantastica.com.br/reportagens/a-nostalgia-e-o-fim-da-video-locadora/>>. Acesso em 07/04/2015
- FRACALOSSIM, Igor. **Questões de Percepção: Fenomenologia da arquitetura** / Steven Holl 15 May 2013. ArchDaily Brasil. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/18907/questoes-de-percepcao-fenomenologia-da-arquitetura-steven-holl>>. Acesso em 22 Abr 2015
- FRASER, Marie. **Do lugar ao não-lugar: da mobilidade à imobilidade**. 2010, Revista Poiésis.n.15, p. 229-241
- GONZAGA, E.; GOMES, S. **Shopping center, subjetividade e exclusão social**. In: IX Congresso Nacional de Educação-EDUCERE e o III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia Curitiba. 2009.
- NOATTO, Dejanira Malacarne; KLAMMER, Celso Rogério; OZÓRIO, Érika Vanessa Kampa e; SOLIERI, Mariluz. **Cinema e educação: Possibilidades, limites e contradições**. III Simpósio Nacional de História Cultural. Florianópolis: UFSC, 2006. p. 872-882. Disponível em: <<http://www.fae.ufmg.br/setimaarte/images/pdf/cinema-e-educac3a7c3a30-possibilidades-limites-e-contradic3a7c3b5es.pdf>>. Acesso em: 28 de outubro de 2015.
- LANGHI, Rodolfo. **Um estudo exploratório para a inserção da Astronomia na formação de professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental**. 2004.
- MACEDO, Felipe. **O Modelo Brasileiro de Cinema: Um estrangeiro em nossas telas**. Disponível em <<http://www.culturadigital.br/cineclubes/cinecluber/tgicos/4500-2/>>. Acesso em 08/04/2015.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **O lazer na cidade**. São Paulo, USP, Revista Digital de Antropologia Urbana s/d. Disponível em: <<http://www.osurbanitas.org/antropologia/osurbanitas/revista/magnani2.html>>.

MOURÃO, Maria Dora. **O tempo no cinema e as novas tecnologias**. Ciência e Cultura, v. 54, n. 2, p. 36-37, 2002NO-JIMOTO, Cynthia. Design para experiência. 2009. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

PARDINHO, Vinícius. **Cinema e histórias em quadrinhos**. UFSCar, 2005. Disponível em: <<http://www.ufscar.br/~cinema/mais/artcinehq.html>>. Acesso em: 17 abril de 2015.

PARIZOTTO, Jéssica. **Para entender a magia do cinema**. **Revista Obvious**, s/d. Disponível em: <<http://obviousmag.org/sphere/2012/11/para-entender-a-magia-do-cinema.html>>. Acesso em: 28 de outubro de 2015.

PEREIRA, Stella Aranha, COSTA, Danielle Lima. DOS SANTOS, Thays Fernanda Silva. **Salas de cinema: da rua ao shopping Centers**. II Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades (II CONINTER). Belo Horizonte, 2013.

PINHEIRO, Marinete. **Sala de Sonhos**: História dos cinemas de Campo Grande, MS. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2008.

SESC. **Modelo da Atividade Cinema: módulo espaços e equipamentos / SESC, Gerência de Estudos e Pesquisas**. Rio de Janeiro: SESC, Departamento Nacional, 2008. Disponível em: <http://www.sesc.com.br/wps/wcm/connect/cd6b835b-1e8d-42ac-b124-f7f28af6d431/Cinema_instalacao_salas_exibicao.pdf?MOD=AJPERES&CACHEID=cd6b835b-1e8d-42ac-b124-f7f28af6d431>. Acesso em 04 de maio de 2015.

SAGAN, Carl. **Pálido ponto azul**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SIQUEIRA, Jéssica Caroline Dias. **Estrelarium: Permitindo o acesso de deficientes visuais à astronomia**. Faculdade UnB, Planaltina – DF, 2014.

SOUZA, Hélio Augusto Godoy de. **O ilusionismo do cinema 3D estereoscópico**. ComCiência, n. 153, p. 1-7, 2013. Disponível em: <http://comciencia.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542013000900008&lng=e&nrm=iso>. Acesso em: 20 de abril de 2015.

TARETTO, G. Medianeras: Buenos Aires na era do amor virtual. (Medianeras). DVD, 95 min. Imovision, 2011.

VENDRAME, Adriano Márcio. **Contribuição ao Estudo das Cúpulas Treliçadas utilizando elementos tubulares em Aço**. Dissertação de Mestrado. São Carlos, 1999. Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://web.set.eesc.usp.br/static/data/producao/1999ME_AdrilanoMarcioVendrame.pdf>. Acesso em 25/05/2015.

Anexos

Anexo I - **Código de Obras de Campo Grande, Lei nº 1866, 26 de dezembro de 1979**

Disponível em: <https://www.dropbox.com/s/yxm-97mwz4lru57b/Anexo%20I.pdf?dl=0>

Anexo II - **Projeto de Recomendação Técnica ABC- Arquitetura de Salas de Projeção Cinematográfica**

Disponível em: <https://www.dropbox.com/s/sbms8b1c-bltrpnz/Anexo%20II.pdf?dl=0>

Anexo III - **Modelo de Atividade Cinema: Módulo instalação de salas de exibição**

Disponível em: <https://www.dropbox.com/s/jat9l-foek28zvah/Anexo%20III.pdf?dl=0>

Juliana Barbosa Lima e Santos Toyama

<https://orcid.org/0000-0003-1458-8581>

Mestra em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS. Pesquisa com ênfase na área de design de interiores.